

Resenha

Deadlocks in multilateral negotiations causes and solutions.

Amrita Peter NARLIKAR (ed.)

Cambridge University Press: New York, 2010. 320 p.

Daniel Martins Silva¹

1. Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia; membro do Grupo de Estudos sobre Estados Unidos da América (GEA-UFU).

Armita Narlikar tem sido reconhecida como uma pesquisadora significativa para os estudos das Relações Internacionais. Autora de obras que dialogam com o multilateralismo e a emergência de novos atores nos regimes internacionais – sobretudo na Organização Mundial do Comércio, Narlikar organiza nesta coletânea uma série de artigos de variados autores que analisarão como e porque se dão impasses nas negociações multilaterais.

Além de contribuir levantando fatores e soluções, a proposta surge em um período de insucesso do regime comercial sob o amparo da Rodada de Desenvolvimento de Doha. Esta rodada comercial há mais de dez anos não tem avançado de forma expressiva, e frustrou as expectativas dos principais países em desenvolvimento.

Para a autora, duas condições são importantes para definir-se um impasse: uma situação continuada de divergências entre as partes negociantes e um momento de referência no processo de negociação em que apesar de se criar expectativas sobre um compromisso, não há concessões suficientes para assegurar um acordo em um determinado ponto.

Na introdução, além de pormenorizar a anatomia do objeto em questão, busca-se traçar melhor as características próprias desses fenômenos negociais por meio de seis hipóteses, identificando em determinados processos multilaterais onde e como elas podem servir de base para explicar a existência de um impasse. Além disso, este quadro conceitual é complementado com seis soluções que correspondem aos problemas colocados respectivamente nas hipóteses.

A divisão do livro se dá em duas partes, sendo a primeira com quatro capítulos de compreensões mais amplas da temática de maneira multidisciplinar. A segunda parte, une a análise de seis estudos de casos que vão ilustrar a forma como os impasses estão presentes em diversas áreas da política internacional – de segurança à mudança climática.

Certos artigos merecem um esboço pormenorizado. É o caso da análise de Andrew Gamble que abre a primeira seção revelando uma perspectiva diferente dos impasses. Numa visão tradicional-liberal, negociações que apresentam estes embaraços são vistas como desnecessárias e prejudiciais. Inserindo principalmente elementos como ordem, identi-

dade e poder, uma visão política é importante para compreender melhor o contexto e a solução para os impasses. A diferença traçada pelo autor entre negociações de primeira ordem e negociações de segunda ordem, esclarece alguns processos que são negligenciados por alguns modelos econômicos na análise negocial.

Ao olhar um processo de negociação, é preciso verificar como se deu a construção da estrutura do sistema de Estados e da economia política – primeira ordem - para que seja levada em consideração a especificidade daquele contexto. Somente após isso é que se pode entender os problemas particulares ou pontuais daquela negociação.

O segundo capítulo, de Martin Daunton, se posiciona numa perspectiva histórica para entender quais foram os motivos que causaram impasses para a primeira tentativa de criação de uma organização multilateral para o comércio, a OIC, e porque não houve semelhante evento quando na criação de uma instituição monetária internacional. Três fatores explicam: a) a matéria de finanças internacionais não estavam submetidas a pressão política; b) a existência de um consenso entre os técnicos que negociavam o acordo para uma instituição monetária internacional; c) o jogo de dois níveis assimétricos da Grã-Bretanha não causou problemas, devido a posição inglesa naquele momento.

Markus W. Gehring finaliza a primeira seção discutindo acerca da relação entre órgãos de litígio em instituições multilaterais a partir de casos no Órgão de Solução de Controvérsias (OSC), na Corte Internacional de Justiça (CIJ) e na Corte de Justiça Europeia (CJE), que respectivamente correspondem à Organização Mundial do Comércio (OMC), Nações Unidas (NU) e União Europeia. Estes tribunais constituem-se importantes porque podem melhorar a posição de barganha dos países, resolver impasses e alterar as negociações e até mesmo mudar as regras do regime. Nos três casos, a hipóteses 5 – os impasses ocorrem devido à preocupações de justiça e equidade – e 4 – certas estruturas institucionais facilitam ou dificultam o acordo – são tendências observadas. O autor também levanta as características relacionadas à incerteza ou desconfiança das partes e alteração da balança de poder relativo.

A segunda parte do livro inicia investigando os problemas da Roda da Doha – lançada em 2001 – a partir dos interesses de dois importantes pólos de poder nas negociações: Estados Unidos e União Europeia. Utilizando algumas das hipóteses da Introdução – certos tipos de balanças de poder, a crença por parte dos membros de que a alternativa é superior ao que eles têm a oferecer e configuração domésticas diferenciadas – se entende melhor a forma como os vários impasses existentes dominaram a agenda de Doha.

Argumenta-se que o constrangimento dos países em desenvolvimento na liderança da rodada inibem que os interesses domésticos dos países desenvolvidos avancem. Os interesses poderosos ligados à agricultura de EUA e UE travam os acordos porque se opõem à liberalização nesta matéria. Com isso, por meio de um engajamento agressivo em negociação distributiva e tentativa de mudar o foco da negociação para assuntos que se encaixem na área de seus *win-sets*, os PDs revelam a inabilidade de ditar os termos do acordo.

Nesta segunda seção cabe mencionar o sexto capítulo, que trata novamente da Rodada Doha, mas dando ênfase em outros argumentos. Para Narlikar e Van Houten, a incerteza que os países do Norte tem tido para determinar o tipo de Sul que eles estão a lidar é uma problemática dos impasses. Essa incerteza, juntamente com a falta de informação marcam o contexto institucional do qual as partes negociam.

Principalmente por meio de coalizões de países em desenvolvimento, os países desenvolvidos não tem uma noção clara da certeza e credibilidade do que é afirmado pela outra parte. Os autores apontam como solução, uma maior flexibilidade da abordagem negociativa, em contraste com a rigidez do *single undertaking*. Ponto máximo do argumento assinala que é preciso que os negociantes possam conhecer as verdadeiras intenções um dos outros e enviar sinais credíveis, para que se evitem impasses como os entre o G20 Comercial e os países desenvolvidos entre 2003 e 2006..

Outra questão colocada no livro e que é o foco do capítulo dez indaga a respeito do arrastamento de certas negociações que acabam por falhar. Ao buscarem compreender que condições das relações internacionais causam impasses, o autor testa uma das seis possíveis causas – falta de liderança na configuração doméstica - utilizando de análises quantitativas. Conclui que esta variável quando encontrada em qualquer Estado aumenta a probabilidade de causar um impasse em processos de negociação com outros Estados.

A estratégia de investigação verificada neste livro – unindo estudos de casos com avaliação de hipóteses – aponta para resultados importantes na compreensão dos impasses multilaterais. A ideia de que múltiplas hipóteses podem e devem ser levadas em conta, e também a existência de uma rede de interações e sinergias entre os fatores são alguns deles.

Por fim, a conclusão faz uma avaliação dos trabalhos de análise que contribuíram para a obra, procurando inicialmente entender um padrão a partir das hipóteses introdutórias. Concluíram que há uma tendência de aparecimento das hipóteses 3 e 6 (balança de poder e especificidades da configuração de interesses domésticos). Os autores fazem um exame pormenor de cada hipótese e conseguem fazer conexões metodológicas. Tal esforço torna o trabalho uma leitura indispensável para qualquer pesquisador que busque uma análise completa e teoricamente rica a respeito dos impasses nas negociações multilaterais .

Referência

NARLIKAR, Amrita (Ed.). **Deadlocks in Multilateral Negotiations Causes and Solutions**. New York: Cambrigde University Press 2010, p. 320.

